

PSICANÁLISE EM-LINHA/ONLINE: CONVITE A FLUTUAR (MAIS AINDA)

PSICOANÁLISIS EN LÍNEA:
INVITACIÓN A FLOTAR (AÚN MÁS)

ONLINE PSYCHOANALYSIS:
INVITATION TO FLOAT (EVEN MORE)

Lia Pitliuk
Departamento de psicanálise/ Instituto Sedes
Sapientiae ORCID 0009-0004-7453-7043
Correio eletrônico: lia.internet@gmail.com

Data de Recebimento: 14 - 04 -2025
Data de Aceitação: 23-05-2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Pitliuk L. (2025) PSICANÁLISE EM-LINHA/ONLINE: CONVITE A FLUTUAR (MAIS AINDA)
Intercambio Psicoanalítico 16 (2), DOI: 10.60139/InterPsic/16.2.6
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

PSICANÁLISE EM-LINHA/ONLINE: CONVITE A FLUTUAR (MAIS AINDA)

Lia Pitliuk¹

¹ Psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise, do Espaço Potencial Winnicott e do Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae em SP. Docente no curso de formação de analistas do Departamento de Psicanálise com Crianças. Coordenadora dos grupos de estudo e pesquisa: EmLinha - Grupo de estudos e pesquisa sobre a clínica psicanalítica online; Winnicott: leituras e reflexões; Winnicott e Bollas: trânsitos; Grupo de pesquisa sobre acepções de 'holding' na obra de Winnicott no Departamento de Psicanálise. Docente em curso de pós-graduação e em cursos livres no Instituto Gerar em SP. Coordenadora de grupos de estudo sobre Freud, Winnicott e Bollas. Autora do livro A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha e de muitos artigos e capítulos em livros e revistas especializadas, entre os quais o prefácio para a edição brasileiras do livro *Segure-os antes que caiam* (de C. Bollas), *Democracia e totalitarismo como funcionamentos psíquicos, Sabemos/podemos/queremos ser sós?* *Subjetivação e análise em tempos digitais* e *Christopher Bollas: por uma psicanálise contracolônia*.

Resumo: Como se dá com todas as expansões da clínica psicanalítica, também a clínica em-linha suscita o debate sobre as possibilidades de, nela, sustentar o propriamente analítico. E uma das questões difíceis, neste debate, é levá-lo adiante considerando que estamos frente a funcionamentos e a experiências inéditas, que não podem ser avaliadas com os parâmetros desenvolvidos para a análise presencial. A comparação simples e direta de settings tem sido marcada pela 'lógica da falta', principalmente no que se refere à participação dos corpos, de órgãos dos sentidos, de um espaço físico compartilhado. O artigo coloca em dúvida que essas diferenças funcionem apenas em chave de restrição e carência, que impliquem um déficit da experiência *analítica* como tal, questionando, para isso, a fixidez com que se toma o que, de fato, é móvel e mutante.

O texto circula pela supramodalidade de Stern, pela figurabilidade dos Botella, pela flexibilidade do espaço analítico dos Baranger, pelo uso singular do objeto de Winnicott e, com muito destaque, pela pluralidade expressiva de Bollas: caminhos para uma reaproximação ao 'flutuante' do psiquismo e das relações. No divã, na tela, na poltrona, no telefone.

Palavras-chave: psicanálise, online, setting, Bollas

Resumen: Como ocurre con todas las expansiones de la clínica psicoanalítica, la clínica en línea también suscita el debate sobre las posibilidades de sostener en ella lo propiamente analítico. Y una de las cuestiones difíciles en este debate es llevarlo adelante considerando que estamos ante funcionamientos y experiencias inéditas, que no pueden ser evaluados con los parámetros desarrollados para el análisis presencial. La comparación simple y directa de settings ha estado marcada por la 'lógica de la falta', principalmente en lo que respecta a la participación de los cuerpos, los órganos de los sentidos y un espacio físico compartido. El artículo pone en duda que estas diferencias funcionen únicamente en clave de restricción y carencia, implicando un déficit de la experiencia analítica como tal. Para esto, cuestiona la fijeza con la que se asume algo que, en realidad, es móvil y cambiante.

El texto circula por la supramodalidad de Stern, la figurabilidad de los Botella, la flexibilidad del espacio analítico de los Baranger, el uso singular del objeto en Winnicott y, con gran destaque, por la pluralidad expresiva de Bollas: caminos para un reencuentro con lo 'flotante' del psiquismo y de las relaciones. En el diván, en la pantalla, en el sillón, en el teléfono.

Palabras clave: psicoanálisis, online, setting, Bollas

Summary: As with all expansions of the psychoanalytic clinic, the on-line clinic also raises the debate about the possibilities of sustaining what is properly analytic within it. One of the difficult issues in this debate is how to carry it forward while considering that we are faced with unprecedented modes of functioning and experiences, which cannot be assessed using the parameters developed for in-person analysis. The simple and direct comparison of settings has been marked by the 'logic of lack,' particularly concerning the participation of bodies, sensory organs, and a shared physical space. The article questions whether these differences operate solely in terms of restriction and deficiency, implying a deficit in the analytic experience as such. To this end, it challenges the rigidity with which something that is, in fact, mobile and mutable is perceived.

The text moves through Stern's supramodality, the Botellas' figurability, the Barangers' flexibility of the analytic space, Winnicott's singular use of the object and, most prominently, Bollas' expressive plurality — pathways toward a reapproach to the 'floating' aspect of the psyche and relationships. On the couch, on the screen, in the armchair, on the phone.

Keywords: psychoanalysis, online, setting, Bollas

I. Introdução

Como todas as expansões da clínica psicanalítica, também a clínica em-linha¹ suscita o debate sobre sua capacidade de manter o psicanalítico propriamente dito – sempre ameaçado de sucumbir ao pragmatismo e ao imediatismo, assim como ao bom senso e ao senso comum. Quando, quanto e de que formas podemos sustentar a *experiência analítica* nas práticas em-linha? Sobre que bases processar essa questão? É legítimo pensá-la a partir do que se costuma chamar de análise-tipo ou análise-padrão, a modalidade inventada por Freud para o trabalho psicanalítico individual com adultos neuróticos?

Desde as suas origens a psicanálise tem se caracterizado por múltiplas transformações: clínica não só com adultos, não só individual e não só com neuróticos; alterações do *setting* de grande magnitude como a da frequência semanal das sessões, do uso ou não do divã, da diversificação dos espaços de trabalho (hospitais, prisões, espaços abertos); e, mais recentemente, a da questão que aqui nos ocupa, a análise mediada por tecnologias de comunicação. São transformações que não apenas desafiam teorizações e práticas estabelecidas, mas que exigem também uma reavaliação contínua dos fundamentos sobre os quais a psicanálise se apoia. Num plano subjetivo, cada uma dessas transformações representa, tanto para analistas quanto para analisantes, uma ruptura com as certezas que, em um contexto tão instável e multifacetado como o da prática psicanalítica, proporcionavam um certo grau de segurança.

¹ Opto por essa expressão por dois motivos principais. Por um lado, para evitar mais um estrangeirismo como *self, insight, après-coup, setting* etc. Contudo, a razão primordial é a riqueza evocativa da *linha*, do *fio*, que tão bem simboliza o composto distância-proximidade, ou união-separação. Considero inadequados os termos 'psicanálise remota' ou 'psicanálise à distância' justamente por excluírem esse paradoxo central da clínica mediada por aparatos digitais; e certamente descarto a expressão 'psicanálise virtual' por sua associação ao que está em um plano não material – o que certamente não se aplica à clínica analítica mediada por tecnologia digital.

Já por princípio, uma psicanálise é sempre uma experimentação, precisa poder ser reinventada a cada sessão, com cada sujeito e em cada contexto – um contínuo desafio em relação a certezas e limites; e a soma dessas experiências produz continuamente movimentações de peso no modo como nos relacionamos com a clínica, com a teoria, com o outro e conosco mesmos. Ao mesmo tempo, o mundo se transforma continuamente, demandando mudanças da prática nada fáceis de manejar. Faço minha a observação de Soler quando, referindo-se à contemporaneidade, aponta “quão importante é para os psicanalistas se manterem em contato com seu próprio tempo, e, com isso, quero dizer estar livre de velhas categorias – não para ceder a modas impulsionadas pelo mercado, mas simplesmente para poder responder – como analistas – àqueles que a eles se dirigem no início deste século” (Soler, 2018, p. 215. Tradução livre).

Sublinho a questão que nos compete: responder *como analistas*. E a incorporação do em-linha entre nossas práticas nos propõe uma infinidade de questões às quais, *como analistas*, responder. A começar pela dificuldade de manter elementos ritualísticos, um ‘é assim que se faz’ que, certamente, tem muitas funções importantes - entre elas a de abrandar a sensação de desamparo que a clínica produz. Abrir mão de muitos destes elementos apaziguadores, de uma só vez, principalmente antes que outros padrões se estabeleçam, tem efeitos perturbadores que não podemos negligenciar, que precisam ser acolhidos, considerados, tratados.

Por outro lado, reconhecer as funções protetoras e defensivas do “já conhecido” não deve implicar em apoio condescendente e acrítico às novas modalidades. É frequente o argumento de que a crítica seria uma posição defensiva frente a mudanças e, portanto, algo conservador que buscaria apenas preservar tradições, valores e estruturas pré-existentes. Essa é uma argumentação covarde e irresponsável. Claro que as posições críticas podem ser usadas para finalidades conservadoras, como meios de resistência ao questionamento e à transformação; mas essa possibilidade não deve levar à renúncia à função crítica, que é essencial sob diversos pontos de vista: ético, epistemológico, metodológico etc. Cabe-nos *trabalhar sobre* as motivações embutidas nas argumentações críticas, discernindo aquelas que são sustentáveis e que então demandam (e merecem) trabalho, das que se revelam como meras defesas rígidas e conservadoras.

Responder como analistas implica escapar do binômio revolucionário/conservador, na direção do experienciar e do analisar a experiência – a experiência em-linha, em nosso caso. Poder reconhecer o que, nela, é singular e, frequentemente, incomparável. Em o livro *Andamios del psicoanálisis*, Ricardo Rodulfo (2013), analista argentino que trabalha incansavelmente a desconstrução de dogmas na psicanálise, sustenta que não se trata de hierarquizar a experiência presencial como mais autêntica ou profunda em relação à experiência em-linha. Trata-se de reconhecer que estamos diante de um tipo de proximidade que não se

enquadra em códigos pré-estabelecidos e que implica, necessariamente, em *disposições* diferentes das que conhecemos no *setting* presencial. Elementos antes familiares, como o silêncio ou o frente-a-frente, assumem características inéditas no contexto em-linha: o silêncio em uma sessão realizada via vídeo não é equivalente ao silêncio no consultório, com o paciente no divã ou engajado em uma atividade como o desenho; as nuances do frente-a-frente certamente se alteram, tornando insuficiente qualquer tentativa de transposição direta dos modos tradicionais de escuta e presença.

Em outras palavras, a experiência em-linha inaugura um território ainda indefinido, marcado por mutações “concernentes a todo o nosso sistema de distâncias com a subjetividade do próximo, de inscrições corporais, pictogramáticas, incomuns e por agora obscuras, de ritmos e intensidades nos contatos” (Rodulfo, 2013, p. 43. Tradução livre). Um desafio de peso aos padrões tradicionais de comunicação, de proximidade/distância, de relação.

É assim que, frente aos novos *settings* clínicos digitalmente mediados, a prática psicanalítica se vê convocada a revisitar suas bases. Não se trata, de modo algum, apenas de uma adaptação “técnica”, não se trata de reproduzir mecanicamente, em um formato digital, os moldes do *setting* que chamamos de presencial². Trata-se de o analista se colocar em posição de apreender as especificidades desse contexto, considerando a análise em-linha como um campo de direito próprio, cujas características não só desafiam algumas de nossas concepções tradicionais como, ainda, abrem caminho para reconfigurações da clínica psicanalítica como um todo.

Este artigo se pretende uma contribuição para esta tarefa.

II. A lógica da falta

Estamos acostumados a nos confrontar com as diferenças em termos comparativos, isto é, a avaliar o novo por aquilo que faz com que seja diferente do já conhecido, mas com uma particularidade: temos uma tendência a considerar em termos pejorativos aquilo que, no novo, é marca de diferença. Ou seja, tendemos a constatar, no que faz com que seja diferente, não tanto a afirmação da sua especificidade, senão sua suposta impotência para se equiparar com o que já é conhecido. Continuamos, nesse sentido, a seguir os passos da criança pequena do relato edípico freudiano, condenada a avaliar a confrontação com o genital feminino e privilegiar o que lhe falta para ser igual ao genital conhecido. De modo análogo, tendemos também a valorizar as particularidades de um novo dispositivo pelo que carece em relação ao dispositivo com que já estamos familiarizados (Cabral, 2020, pp. 153-154).

2 Adjetivo muito inadequado já que estamos, cada vez mais, revendo nossos conceitos de presença, não-presença e ausência. Muitas línguas optam pela expressão “em-pessoa”, também inapropriado por evocar a ideia de que nas experiências mediadas haveria menos personalidade (in-person em inglês, em personne em francês, di persona em italiano, persönlich em alemão, persoonlijk em holandês). Entretanto, até o momento não encontrei um termo adequado para a experiência de compartilhamento de um mesmo espaço físico.

Esta sagaz observação foi apresentada por Alberto Cabral no início da pandemia, a propósito dos embates relativos à adequação ou não do trabalho em-linha. De fato, essa clínica costuma ser pensada através de uma lógica da falta, através da ideia de que nela falta o que nos acostumamos a encontrar na clínica presencial. Faltariam a proximidade corporal, o compartilhamento de um mesmo ambiente físico, o divã, as paredes, as experiências do trajeto para se chegar à sessão, os cheiros, a visão tridimensional ou de corpo inteiro do outro... a lista seria infinitável. A marca principal, aqui, está na ideia de privação, déficit, insuficiência, falta.

Quando se trata da mulher, entendemos que essa “falta” não é uma entidade real, uma característica da coisa ou da situação em si: à mulher não falta nada. A castração, em que algo essencial teria sido retirado, cortado, perdido, é uma teoria infantil, uma concepção a partir de uma suposição prévia de que ali ‘deveria haver’ uma outra coisa. Oscar Masotta (1987) brinca com isso, sugerindo que imaginemos que alguém entrasse numa sala dizendo que ali faltam poltronas roxas; ou um astronauta que, da lua, dissesse que em certo ponto do solo lunar falta uma montanha.

Seriam absurdos, não falta nada: a sala é como é, a lua é como é. A este propósito o professor Luiz Fuganti nos traz o pensamento do filósofo: “Espinosa diz: ao cego não falta a visão, do mesmo modo que não falta a visão à pedra. Porque a visão é um afeto que alguém tem, e aquele que não tem esse afeto, a sua potência é preenchida com outros elementos e não com a visão. Então não falta a visão ao cego” (Fuganti, 2016).

Pois bem, a ideia das coisas que faltam numa análise em-linha não coincide com esta lógica? Não é com base em premissas, derivadas da análise presencial, que pensamos em tantas faltas na análise em-linha? Parafraseando Fuganti, a potência da clínica não é preenchida com outros elementos, nesta outra forma de presencialidade?

Para evitar caminhos generalistas e simplificadores, esta questão nos demanda algum foco. Trabalharemos então com uma das dimensões mais privilegiadas do “pensamento da falta” na clínica em-linha: a da menor participação, no encontro, de órgãos dos sentidos, em comparação com a análise presencial. Comumente se supõe aí um grande prejuízo tanto da capacidade do analista apreender a subjetividade de seu paciente, quanto da riqueza das experiências do analisante ao longo do processo. Ou seja, o trabalho analítico ficaria prejudicado, ou inviabilizado, no *setting* em-linha pelo fato de vários elementos da percepção cotidiana estarem excluídos do encontro: a proximidade corporal, os cheiros, a abrangência da visão, as sensações advindas de estar com o outro em um mesmo ambiente físico etc.

Colocaremos em discussão a ideia de que quanto mais órgãos dos sentidos estiverem envolvidos num encontro analítico, maior a capacidade de comunicação, de apreensão, de compreensão. E podemos já adiantar o campo dos argumentos: por um lado, a complexidade do psiquismo e das relações humanas nos fornece um campo de ideias muito mais amplo e intrincado; por outro, o que podemos entender por comunicação, apreensão ou compreensão analítica – e mesmo por *experiência* – nos afasta bastante de uma equiparação/redução do que se experimenta a uma somatória de captações pelos órgãos dos sentidos. Minha intenção, então, é apresentar algumas vias que contestam a ideia de que quanto mais órgãos dos sentidos estiverem envolvidos, maior a potência e a efetividade analítica.

Para evitar equívocos de partida: é óbvio que quando os corpos não compartilham o mesmo espaço físico, quando o encontro é mediado por tecnologias digitais, certas formas de expressão que seriam facilmente percebidas no encontro presencial, e certas experiências que poderiam ser vividas, são reduzidas ou estão completamente ausentes. Pode-se não notar, no outro, tremores nas mãos ou gestos ansiosos, roupas desleixadas, angústia ou resistência expressos nos movimentos ou nas posturas corporais etc. Não há dúvida de que o encontro mediado por tecnologias digitais seja *diferente* do encontro presencial.

O que temos a discutir é se essa diferença pode ser equiparada a um déficit para a experiência analítica em-linha. Penso que não. Penso que não há isomorfia entre presença física e apreensão do outro, entre a multiplicidade das captações sensoriais e a riqueza do encontro.

Sem nenhuma pretensão de cobrir o campo dos fenômenos em jogo, este artigo pretende contribuir para esse debate, evocando qualidades da vida subjetiva e relacional que, nele, tendem a ser deixadas de lado.

III. O supramodal e a pluralidade das produções associativas

O supramodal alude ao trânsito entre categorias perceptivas. Penso que temos boas razões para conceber que o reconhecimento do outro e a experiência da presença não dependem de alguma modalidade perceptiva, que a informação não está ligada a algum modo sensorial particular. Notemos, por exemplo, o uso do divã na clínica tradicional, focada na escuta: a exclusão parcial de elementos visuais é não só tolerada como desejada, protegendo a relação de capturas por essa via sensorial. Formulamos então a pergunta: restringindo-se tanto a participação do olhar no uso do divã, como é possível que o trabalho analítico permaneça rico e potente? Penso que responderíamos prontamente que ali ocorrem *outros* modos de comunicação e de sintonia, e é este o princípio que veio sustentando, também, a clínica psicanalítica em-linha.

O trabalho de Daniel Stern nos fornece uma pista interessante. Referindo-se a bebês, o autor sugere que a informação exista em uma forma *supramodal* e “que então possa ser reconhecida em qualquer um dos modos sensoriais” (Stern, 1992, p. 45). Essa é uma sugestão preciosa para concebermos também o que se passa quando o contato se dá por dispositivos que restringem os canais sensoriais disponíveis - pela audição por aparelhos e, em alguns casos, pela visão através de telas. Ricardo Rodulfo também pensa desse modo, afirmando uma “indiferença do inconsciente com respeito a *preferências* por um ou outro tipo de materialidade” (Rodulfo, 2004, p. 88).

Eu me alinho com esses autores, como aponto no capítulo “Percepção amodal” em meu livro *A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online)*:

De fato, com o tempo – e nisso é fundamental a dimensão da experiência ao longo do tempo -, fui tendo a impressão de, mesmo sem utilizar vídeo, “enxergar” cada vez mais cada analisante, por uma espécie de transporte privilegiado das trocas para o universo da sonoridade e de suas tonalidades afetivas, compondo toda a atmosfera clínica. Não seria, portanto, de espantar que recentemente eu tenha dito a um analisante com quem trabalho só por áudio: “quando você fala disso, seus olhos brilham!” (Pitliuk, 2022, p. 76).

Se isso é assim, se a expressão e a comunicação não ficam restritas a determinados canais, podemos então compreender quanto o encontro analítico se sustenta numa diversidade de elementos, quanto os integrantes do par analítico são impactados pelas formas múltiplas e paralelas de expressão e de apreensão do outro. De fato, ao longo da história da psicanálise, a gama de fatores incluídos se ampliou enormemente, de modo que a análise foi cada vez mais deixando de se *focar* nas formas verbais de expressão do paciente.

Claro que isso já estava em Freud: desde o início do seu trabalho com a histeria as expressões corporais dos pacientes eram incluídas como elementos a serem apreendidos pelo analista em sua compreensão do que se passava. Desde então não apenas foram sendo incluídas as representações que o analista tem do analisante, mas também o que o analista descobre em si mesmo como efeito do que se passa com o paciente. Entende-se que essas impressões são resultantes da comunicação inconsciente que se dá no movimento intersubjetivo.

Isto levou a um movimento descentralizador muito importante na clínica, compreendendo-se que nada, em si, é “o essencial”: a sequência narrativa, os efeitos de sentido dos sons das palavras, a dimensão corporal, a transferência ou a contratransferência. A comunicação inconsciente é *plural*, as formas como somos impressionados pelo paciente e como nós o impressionamos são múltiplas e paralelas.

Nessa linha de pensamento, Christopher Bollas faz uma ampliação muito importante da noção freudiana de associação livre, que em seu pensamento passa a abarcar as mais diversas categorias e subcategorias, levando em consideração tanto os movimentos psíquicos individuais quanto a relação com o ambiente. Diríamos, talvez, que para ele o mais essencial... é não apostar em essências, entendendo que o corporal, o ideacional e o afetivo estão permanentemente articulados, sem que nenhum mereça lugar de prevalência.

Um dos exemplos mais bem-acabados dessa concepção é sua metáfora da partitura sinfônica representando a sessão clínica:

Imagine que o movimento temporal dos discursos do analisando seja um eixo horizontal, da esquerda para a direita, do início da sessão ao fim da hora. Então, imagine um eixo vertical que consiste em diferentes categorias de apresentação ou representação inconsciente. Cada uma dessas categorias tem sua própria linha de movimento — sua própria lógica, se preferir —, e muitas vezes elas convergem para criar pontos nodais, mas não são as mesmas (Bollas, 2024, pp. 60-61).

Bollas marca que sua metáfora não pretende ser uma representação do inconsciente, e sim uma ferramenta para concebermos a complexidade e a riqueza das diferentes formas de expressão, assim como seu potencial de articulação:

Se imaginarmos cada categoria como um instrumento musical simbólico — uma, o violino; outra, a flauta —, então a metáfora sinfônica se torna mais rica porque você pode ver como os instrumentos tocam em momentos diferentes, às vezes juntando-se a outros, às vezes sozinhos, às vezes todos juntos — mas separadamente —, formando uma peça e, embora eu não queira forçar essa metáfora além da credibilidade (e talvez esteja fazendo isso), não obstante, penso que nos ajuda a ver que existe algum modo de *orquestração* no pensamento inconsciente (Bollas, 2024, p. 63).

De fato, a música como modelo imaginativo é muito interessante justamente porque nos permite conceber como linhas de pensamento independentes – que Bollas metaforiza como diversas pautas da partitura, cada uma como um instrumento em particular – se movem e se compõem, convergindo em alguns momentos (os pontos nodais), soando em conjunto em outros, mas cada uma seguindo seu próprio fluxo.

Categorias e subcategorias como instrumentos numa partitura sinfônica. Assim, por exemplo, há a categoria sônica (que envolve timbre, tom, ritmo, duração, ênfase etc., e pela qual tanto pode ser expresso: resignação, ironia, raiva etc.); a categoria fonêmica (significantes e significados); a linguagem (incluindo lógica narrativa, retórica, sintaxe etc.); a

imaginária (incluindo a projeção entre suas subcategorias); a relacional (implicando transferência, identificação projetiva, *enactement*, uso do objeto etc.); a da expressão corporal (movimentos, expressões faciais, posturas, respiração etc.); a contratransferência (em suas múltiplas formas de apresentação).

Bollas dirá que, por um lado, as categorias não são estáticas, que elas se movem e se transformam; por outro, que um mesmo pensamento pode ser expresso simultaneamente em várias categorias (como, por exemplo, na expressão “sai daqui!”, em que alguém se expressa de modo sonoro, gestual e transferencial). E, também, que nem todas estão ativas ao mesmo tempo. É assim que discurso verbal, afetos, sensações, comunicações, estados de corpo – do analisante e do analista: todos têm a possibilidade de assumir protagonismo, compor-se, opor-se, calar-se. O autor sintetiza:

Nossas mentes são complexas demais para se tratar de apenas uma coisa, seja uma ideia reprimida, um derivado do id, a transferência ou qualquer coisa. Na realidade, se em algum momento do tempo psíquico pudéssemos dar uma olhada na sinfonia inconsciente, isso seria uma vasta rede de combinações criativas (Bollas, 2024, p. 65).

Notemos: é a complexidade que vem para o “centro” da cena analítica. E isso transforma tudo.

São evidentes as consequências desta ampliação da noção de associação livre para a clínica psicanalítica em geral, e particularmente para a clínica psicanalítica em-linha. O analisante associa por palavras, gestos, expressões corporais, atos, manifestações transferenciais, manifestações contratransferenciais. Tudo acontecendo ao mesmo tempo. Num certo momento algo ganha mais relevância, em outro são outras as coisas que tomam o espaço. Do mesmo modo que quando ouvimos uma música: às vezes somos afetados por sua letra junto com o som de um violino; em outro momento somos tocados pelo silêncio, quando há uma suspensão da execução, e daí talvez pelo ritmo da música, quando ela recomeça depois da pausa. De repente parece que o conjunto todo nos emociona, ou nos irrita, de uma só vez.

É assim que Bollas nos convida a uma articulação com a grande variedade do que emerge num encontro analítico, com o analista recepcionando o que lhe chega não por um único canal, mas por “todos os poros”, por todos os canais de que dispõe. E não de um modo objetivante, não é disto que se trata em análise: a atenção flutuante é nossa estratégia metodológica para escapar da captura de uma categoria, seja qual for, e nos disponibilizarmos para vias múltiplas de apreensão e de elaboração. Destaquemos o que então se produz.

IV. Encontrar o paciente em nós mesmos

Um dos aspectos que mais têm surpreendido os analistas na clínica em-linha é, também nela, a potência da identificação projetiva como modalidade de comunicação transferencial. É um fenômeno que se manifesta no analista não apenas sob a forma de pensamentos e emoções, mas também por processos mais arcaicos como sensações corporais e imagens mentais, captando e dando um contorno psíquico a vivências primitivas do analisante.

Como Ogden sintetiza:

O terapeuta que se permite ser moldado por esta pressão interpessoal e é hábil para observar essas mudanças em si mesmo, tem acesso a uma fonte de dados muito rica sobre o mundo interno do paciente – o grupo induzido de pensamentos e sentimentos – que são experienciados de maneira viva, vívida e imediata. No entanto, eles também são extremamente elusivos e difíceis de formular verbalmente porque a informação se apresenta na forma de um enactment no qual o terapeuta está participando, e não na forma de palavras e imagens sobre as quais o terapeuta possa refletir prontamente (Ogden, 2005, p. 4. Tradução livre).

O que a experiência tem nos mostrado é que, a depender das capacidades de continência e de simbolização do analista, esse processo se mantém vivo e atuante na clínica em-linha. Kowacs compartilha dessa opinião: “através de aparatos eletrônicos, aspectos muito primitivos do mundo interno do paciente penetram na mente do analista, com objetivos evacuativos, comunicativos, ou ambos” (Kowacs, 2018, p. 395). Retomo minha proposta do *trabalho da figurabilidade* como uma noção particularmente útil para conceber como isso se dá. A expressão, cunhada pelos Botella (2003), é por eles referida a um processo psíquico que, numa direção regressiva, compõe numa única *figura* os elementos presentes num dado momento:

trabalho de *ligação* dos elementos mais diversos que, então, convergem numa entidade, numa *figura*, composta por elementos múltiplos e heterogêneos: o discurso ou a ação do analisante; a transferência e a contratransferência, obviamente; o material perceptivo atual e as impressões corporais do momento; etc. Em resumo: pela via regressiva, os estímulos presentes na situação - e suas ressonâncias - convergem numa figuração, numa atualização, que pode mesmo se parecer com uma alucinação (Pitliuk, 2022, p. 66).

Figuração que se apresenta sob variadas formas: imagens mentais, sensações corporais, formações que os Botella chamam inclusive de 'quase-alucinações', pela intensidade da impressão que produzem em que as experiencia. Por estas vias, realidades até então não perceptíveis e não representadas se fazem presentes no(s) psiquismo(s) *como experiências* e, desta forma, produzem transformações.

Isto se relaciona, muito diretamente, ao que entendemos por capacidade de sonhar - e, chego a dizer, de co-sonhar, porque na análise a figurabilidade é um trabalho *do* e *no* campo da superposição analista/ analisante:

O produto desse trabalho - *a figura* - se presentifica em um dos membros da dupla analítica, ou alternadamente em um e em outro, ou no que se tece *entre* eles; o fundamental é que não o situemos como produto de um psiquismo, mas como operação desdobrada no espaço transicional da transferência (Pitliuk, 2022, p. 68).

Este percurso, aliás, nos auxilia a (re)pensar a questão do(s) corpo(s) na análise em-linha, pois a clínica mediada por aparatos digitais tem mostrado quanto o trabalho da figurabilidade incide muito diretamente nas experiências corporais dos membros do par analítico, um dos palcos privilegiados da comunicação inconsciente. Os Baranger já haviam formulado que "cada analista (...) responde, com seu próprio corpo, à comunicação inconsciente do analisante" (Baranger, M. & Baranger, W., 1969, p 136. Tradução livre). E bem podemos ampliar isso, constatando que tanto o analista quanto o analisante figuram, com seus corpos, o conjunto dos elementos presentes no encontro - e isto tanto na clínica presencial quanto na em-linha.

Costumo recorrer a uma situação clínica que ilustra muito bem o que experimento cotidianamente no ambiente em-linha. Em uma determinada sessão, Fernando descrevia com entusiasmo sua mudança para a casa de praia da família, enfatizando sua sensação de segurança e liberdade, assim como o retorno a boas lembranças da infância e adolescência.

Enquanto ele pintava cenários bucólicos, repletos de detalhes de dias ensolarados e momentos de lazer, comecei a sentir calor, opressão e falta de ar; olhando em volta, associei o aposento em que eu me encontrava - num edifício - a ideias de restrição e confinamento, uma contração ao que Fernando descrevia.

O processamento desse contraste nos levou a considerar que eu estava experienciando os medos profundos do paciente relacionados à perda de autonomia e ao retorno ao aprisionamento em velhos padrões familiares, o que inaugurou uma via extremamente fértil naquela análise (Pitliuk, 2022, pp. 72-74).

É mais uma vez Bollas quem traduz nitidamente quanto encontramos o paciente em nós mesmos, assim como em objetos que nos servem para encontrá-lo:

Pareço estar dizendo que os analistas são médiuns para o processamento psicossomático do psique-soma do paciente. E que “encontramos” pacientes diferentes em diferentes locais, dependendo de como somos inconscientemente convidados a processá-los. Eu posso estar trabalhando com alguém no meu soma – no estômago, nas costas ou no meu sistema respiratório. Eu posso estar considerando alguém na parede, numa nuvem ou em algum lugar no tapete. Eu posso textualizar o discurso de um paciente em um script fonêmico, ouvindo a pontuação do inconsciente (Bollas, 2019, p. 45. Tradução livre).

Aí temos a dimensão criativa e brincante das nossas relações com os objetos, com os ambientes, com os corpos – nosso e do outro. E é dessa perspectiva que emergem as possibilidades e potências da clínica psicanalítica, incluindo-se as da clínica em-linha.

V. Hesitar, piscar, flutuar: o uso do objeto

Assim, para além da atenção flutuante, vamos nos dando conta de quão flutuantes são as relações do analista com toda a materialidade do que o cerca, e consigo mesmo. Aliás, de quão flutuantes elas *precisam poder* ser para que o espaço analítico seja um espaço promotor de aberturas e articulações. Trata-se, diríamos, de uma disponibilidade do analista para “flutuar” - como encontramos, por exemplo, numa passagem clínica de Bollas, referida ao trabalho com uma paciente esquizofrênica:

(...) depois de muito tempo trabalhando com ela, quando o tecido do pensamento coerente se dissipava e eu me sentia um tanto perdido, percebi que, quando a ouvia, sempre olhava para os diferentes padrões de luz na parede ou para as formações de nuvens pela janela, mas raramente “viajava” pela sala olhando os objetos “internos” do espaço. Refletindo, eu acredito que minhas orientações visuais metaforizavam meu estado mental. Eu não conseguia focar nos objetos internos desta paciente, nem nos objetos muito concretos da sala. Imagino que quando olhava para os padrões visuais complexos, visualmente articulados do tapete, isso fosse um ato psicológico diferente de quando estava perdido na parede. E, às vezes, eu olhava para os meus sapatos, para o meu torso, ou para as minhas mãos. Por quê? Onde eu estava? (Bollas, 2019, p. 43. Tradução livre)

O trabalho psíquico, em qualquer *setting*, se dá num entre-espacos e num entre-tempos, um *entre* “aberto para o desfocado, para o impreciso, para os deslocamentos que impedem a nitidez”, escreve Tania Rivera; um trabalho em que se trata de “*entrever* algo. De abrir brechas, de permitir que surja algo que revira a lógica da imagem encobridora e da narrativa familiar. Trata-se de piscar” (Rivera, 2020). Ou seja, dar es-

paço mental para *objetos psíquicos*, produzidos-inventados-encontrados no espaço potencial da análise, que possam ser *usados*. Equivalente ao que Winnicott nomeia como “hesitar” no famoso jogo da espátula que propunha a bebês que recebia em consulta.

Winnicott deixava uma espátula de metal sobre uma mesa, de modo que o bebê, sentado no colo de sua mãe, pudesse alcançá-la. Ele nos conta que os bebês saudáveis hesitavam, desviando repetidamente o olhar do objeto. Bollas discute a experiência, sublinhando que o desvio do olhar é um modo de situar o objeto no mundo interno, dando-lhe assim um estatuto de *objeto psíquico* (Bollas, 2019, pp. 70-72).

Sem dúvida, um dos desafios de nossa época é que as pessoas dêem espaço e tempo para isso. O essencial, aqui, é a *atitude* de desconstrução da fixidez do sentido das coisas e do mundo, de modo que cada um, analista e paciente, no ambiente em que se encontra, *brinque* com os padrões do abajur, as cores de um quadro, a textura da cortina. Que se conectem com sua *experiência subjetiva* dos objetos e de si mesmos – o que é muito diferente de pensar em coisas objetivamente percebidas, em objetos, ambientes, corpos, como coisas em si, com sentidos e funções concretas e conhecidas de antemão.

Claro, a natureza dos objetos não é indiferente: tela, telefone, poltronas e divãs, o som mediado ou não das palavras, a imagem bi ou tridimensional, todos os objetos e todas as condições ambientais são elementos importantíssimos, têm características próprias com múltiplos potenciais de evocação, com promoção de afetos e reações de infinitos matizes. O que se trata de reconhecer, aqui, é que valorizar a natureza do objeto ou da situação não implica que suas especificidades *determinem* o que vai se passar num encontro.

Já em 1969, e se referindo estritamente à clínica presencial, os Baranger cuidaram desse tema:

O espaço da relação analítica também pode se contrair até incluir apenas analista e analisante, com negação da existência dos limites naturais do cômodo e dos móveis que contém, ou se estender incluindo um ou outro objeto (quadros, livros, etc.) que estão no aposento, ou ainda se estender para fora dos limites do aposento: o outro analisante na sala de espera que está escutando, os ruídos provenientes do prédio ou da rua, podem ganhar um significado importante e configurar um espaço momentâneo muito distinto do espaço analítico comum” (Baranger, M. & Baranger, W., 1969, p. 130. Tradução livre).

Temos aí uma representação muito fiel ao que vivemos na clínica analítica: movimentos permanentes de extensão e contração, de exclusão e inclusão, de duplicação e negação – movimentos que ficam ainda mais evidentes nas análises em-linha, em que temos uma ilusão menor em relação à objetividade. O espaço analítico se configura de modos singulares e mutantes, ele se situa *entre* realidade física e realidade psíquica,

e se transforma com cada paciente, em cada sessão, em cada momento das sessões. Vale dizer: sendo apreendido sempre de modos singulares nas redes afetivas e associativas do sujeito, cada objeto vai ser *usado* de maneiras únicas e imprevisíveis, e não de modos fixos como muitas vezes se acredita.

Vemos esta fixidez imaginária voltada, por exemplo, ao binômio objeto verbal / objeto não-verbal. Já há décadas o não-verbal veio ganhando um lugar privilegiado na psicanálise, num caminho de oposição às tendências logocêntricas e racionalistas que continuamente ameaçavam o campo analítico. Em detrimento do discurso verbal, então, passou-se a priorizar a dimensão estética e a afetação intercorporal, entendidas como expressões do mais verdadeiro, do mais primário, do mais profundo.

Nossa experiência clínica mostra que não é assim. Uma cena visual ou um cheiro podem ser tomados de modo muito mais defensivo – racional, por exemplo – do que uma narrativa verbal; um som ouvido pelo telefone pode evocar uma experiência sensível de grande magnitude em um sujeito anestesiado em seus encontros presenciais. É o que a clínica analítica mais demonstra: que cada elemento de uma situação afetará as pessoas de maneiras únicas, promoverá movimentos subjetivos únicos, será apreendido e *usado* conforme as necessidades, os terrores, as capacidades de quem os usa.

Então, usos singulares dos objetos, o supramodal, a pluralidade expressiva: não é surpreendente que se insista tanto no que falta, em lugar de reconhecer a enormidade do que se apresenta? A figura criada por Bollas – a partitura sinfônica metaforizando o desdobramento de uma sessão psicanalítica – não é, de fato, uma ferramenta potente para ultrapassarmos esse triste pensamento da falta (triste no sentido espinosano: articulado à diminuição da potência)?

Este modo de conceber a clínica não deixa lugar para o postulado da falta. A questão, em qualquer *setting*, passa a ser a do que se *faz* com a infinidade de elementos permanentemente se organizando e se compondo. Quanto se cria e se recria um espaço facilitador e receptivo para o trabalho propriamente *analítico*. Quanto se consegue tomar o que emerge – por sua presença ou por sua não presença – como *objeto psíquico*, produzido/inventado/encontrado no espaço potencial da análise. No divã, na tela, na poltrona, no telefone.

Referências bibliográficas

- BARANGER, M. & BARANGER, W. (1969) Problemas del campo psicoanalítico. Ed. Kargieman.
- BOLLAS, C. (2019) Forces of destiny: psychoanalysis and human idiom, pp. 39-56. Routledge.
- BOLLAS, C. (2024). O momento freudiano. Editora Nós.
- BOTELLA C., & BOTELLA S. (2003). La figurabilidad psíquica. Buenos Aires: Amorrortu Ed.
- CABRAL, A. C. (2020). Pandemia, fronteiras e sessões virtuais. Calibán - RLP, 18(1), 150-157.
- FUGANTI, L. (2016). Formação Pensamento Ocidental – Aula 18/32 – Espinosa: Não há um sujeito do conhecimento. Escola Nômade. <https://escolanomade.org/2016/02/27/aula-18-espinosa/>
- KOWACS, C. (2018) Identificação projetiva eletronicamente mediada: o analista e o dialeto virtual. Revista de Psicanálise da SPPA, 25(2), p. 395-418.
- MASOTTA, O. (1987). O comprovante da falta: lições de introdução à psicanálise. Papirus.
- OGDEN, T. H. (2005) Projective Identification and Psychotherapeutic Technique. Karnac Books.
- PITLIUK, L. (2022). A sustentação de uma clínica psicanalítica em-linha (online). Escuta
- RIVERA, T. (2020). A tela e a outra cena ou como piscar nas sessões virtuais de análise. Psicanalistas pela Democracia. <http://psicanalisedemocracia.com.br/2020/03/a-tela-e-a-outra-cena-ou-como-piscar-nas-sessoes-virtuais-de-analise-tania-rivera/>
- RODULFO, R. (2004). Desenhos fora do papel: da carícia à leitura escrita na criança. Casa do Psicólogo.
- RODULFO, R. (2013). Andamios del psicoanálisis: lenguaje vivo y lenguaje muerto en las teorías. Paidós.
- SOLER, C. (2018). Lacan Reading Joyce. Taylor & Francis Ltd.
- STERN, D. N. (1992). O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Artes Médicas.